

**PROJETO ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA: DA TEORIA ÀS PRÁTICAS
INTERDISCIPLINARES EM UMA ESCOLA MUNICIPAL URBANA DE
MANAUS/AM**

Anderson de Araujo Condera

Acadêmico do curso de Letras da Universidade do estado do Amazonas.

E-mail: aac.let18@uea.edu.br

Alcimário de Jesus Silva

Acadêmico do curso de Educação Física da Universidade do estado do Amazonas.

E-mail: adjs.edf19@uea.edu.br

Bruno Barroncas de Moraes

Acadêmico do curso de Matemática da Universidade do estado do Amazonas.

E-mail: bbm.mat17@uea.edu.br

Jayara Cristina Vieira Mendonça

Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade do estado do Amazonas.

E-mail: jcv.m.ped17@uea.edu.br

Ana Michelle de Carvalho Martins

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.

Coordenadora Pedagógica do PAD.

Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do

Magistério/DDPM/Semed/Manaus.

E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

Maria Quitéria Afonso Menezes

Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq.

Coordenadora do Projeto Assistência à Docência/PAD.

Professora Assistente da Escola Normal Superior-UEA.

E-mail: maria.quiteria@semed.manaus.am.gov.br

RESUMO: Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre as vivências em uma escola urbana de Manaus. O objetivo é demonstrar como os assistentes docentes podem conciliar teoria e prática, sobretudo levar para a vida profissional o que foi aprendido no projeto Oficinas de formação em serviços. Os participantes do projeto são alunos do 1º e 2º ano, de duas turmas do ensino fundamental. O relato consiste em duas experiências significativas para os assistentes docentes dentro do ambiente escolar, no período de janeiro a novembro de 2021. Foram utilizadas estratégias de alfabetização, letramento e a formação de palavras através de jogos digitais, levando em consideração a interdisciplinaridade. A experiência permitiu conhecer a prática docente e os desafios inerentes à educação.

Palavras-chave: Assistentes docentes. Experiências. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: This work is an experience report about the experiences in an urban school in Manaus. The objective is to demonstrate how teaching assistants can reconcile theory and practice, especially bringing to their professional life what

was learned in the Service Training Workshops project. Project participants are 1st and 2nd year students, from two classes, from elementary school. The report consists of two significant experiences for teaching assistants within the school environment, from January to November 2021. Literacy, literacy and word formation strategies through digital games were used, taking into account interdisciplinarity. The experience allowed us to know the teaching practice and the challenges inherent to education.

Keywords: Teaching assistants. Experiences. Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Neste relato vamos descrever as nossas experiências vivenciadas como assistentes docentes (AD) do projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE). O projeto proporcionou experiências riquíssimas e contribuições significativas para a nossa jornada enquanto docentes.

A trajetória contida neste relato foi composta por Assistentes Docentes com base nas experiências vivenciadas com os alunos da Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho, onde colocamos em prática o que aprendemos na faculdade e no Projeto de assistência à docência.

Inicialmente, relataremos a nossa trajetória acadêmica até chegar ao Lepete e expectativas com o projeto do qual fazemos parte. Depois relataremos as experiências vivenciadas em sala de aula. Por último, falaremos das atividades desenvolvidas no Laboratório e todo aprendizado adquirido.

O objetivo deste relato é mostrar como as experiências vivenciadas no ambiente escolar contribuem na formação docente, no conhecimento de uma educação inovadora, no desenvolvimento de práticas interdisciplinares e no aprendizado com todos os envolvidos no projeto.

TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS: PERCURSOS, EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS ATÉ INGRESSAR NO LEPETE

Jayara Cristina Vieira

Eu, Jayara Cristina Vieira Mendonça, nunca pensei muito bem sobre qual profissão seguir antes de chegar à universidade, contudo, sempre gostei de ajudar meus colegas da escola a realizarem as atividades escolares, então pensei que ser professora talvez fosse uma possibilidade a se cogitar.

Dessa forma, fiz o vestibular e passei para o curso de pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) no ano de 2016, já no segundo semestre de 2017 ingressei na universidade. Ao chegar à academia e estudar as disciplinas de Sociologia e Produção textual, além de poder conhecer os temas

alfabetização e letramento, percebi que estava no lugar certo, pois me identifiquei com o curso.

Quando estava no 2º período da faculdade, a professora Eglê Wanzeler, que até então era minha professora, falou sobre o projeto de assistência à docência e que estavam precisando de estagiários. No dia seguinte fui ao Lepete entender um pouco mais sobre o projeto, deixei meu currículo, sem nenhuma experiência profissional. No dia seguinte fiz uma prova escrita e uma entrevista, a fim de fazer parte desse projeto de assistência à docência.

Fui aprovada e contratada. Assim iniciou a minha jornada. Comecei a ir para a sala de aula, não apenas como aluna e sim como professora, desde então venho vivenciando o contexto escolar, aprendendo e ensinando, pois, a profissão docente é uma troca de saberes e experiências com os educandos.

(...) Embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. “É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”. A ideia é que mesmo ensinando o educador também aprende com o educando, pois o professor não é o detentor do conhecimento e através de suas histórias quem está aprendendo também transmite algo. Educar sempre será uma via de mão dupla no aprendizado (FREIRE, 1996, p. 26).

Bruno Barroncas

Eu, Bruno Barroncas de Moraes, ao completar o Ensino Médio, a hipótese de entrar na docência nem passava pela minha cabeça, o foco era entrar na área de tecnologia. Assim fiz dois vestibulares, o da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como a primeira opção, e também o da UEA. Neste, o objetivo era Licenciatura em Matemática, naquele, era Ciência da computação.

Não fui aprovado na UFAM, mas consegui a aprovação na UEA. No primeiro ano de faculdade (2017) comecei a gostar do curso, mas só de pensar em dar aula eu ficava apavorado, principalmente quando pensava em alunos que teriam o mesmo perfil que eu tinha enquanto discente, que era uma pessoa difícil de controlar.

No final do segundo ano de curso, a Marcilene Silva, uma amiga que trabalhava no Lepete, falou para mim sobre o Laboratório e sobre o Projeto Assistência à Docência. Precisando de uma renda, mandei meu currículo para o projeto, após uma entrevista e prova, fui selecionado. Ao entrar para o projeto, as professoras e os próprios alunos da escola me ensinaram a amar o ato de ser professor, e como a professora Angela Maria Afonso me disse uma vez, “a gente não nasce para ser professor(a), a gente se forma e se torna professor. Como nos lembra Paulo Freire, "Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente

se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática" (FREIRE apud ESQUINSANI, 2016, p. 04).

Alcimário de Jesus

Eu, Alcimário de Jesus Silva, durante minha jornada acadêmica, passei por várias fases para chegar a uma conclusão de qual curso iria fazer. Sou de Apuí, interior do Amazonas. Desde já adianto que Educação Física nunca foi minha prioridade, embora eu gostasse de vivenciar a prática de vários esportes, jogos e brincadeiras.

Sempre tive como primeira opção de faculdade o curso de psicologia, porém é uma área bastante concorrida e com poucas oportunidades visto que, de instituição pública, só a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) disponibiliza o curso e eu não tenho dinheiro para cursar em uma particular. Por influências de amizades, acabei abrindo os olhos para a Educação Física, para a qual a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) disponibiliza o curso, prestei o vestibular e, para minha felicidade, passei.

Ao adentrar na faculdade em 2019, conheci pessoas que fizeram eu me apaixonar pela área. Disciplinas como anatomia, aprendizagem motora, didática geral e antropologia do jogo fizeram com que me dessem um “up” para continuar no curso, e agora estou no 5º período. O curso até aqui não me propiciou muitas vivências em sala de aula, como professor. Somente como aluno mesmo.

A minha chegada ao Lepete começou de fato quando a prefeitura de Manaus resolveu lançar um concurso para estágio extracurricular remunerado, candidatei-me e passei. Depois fui encaminhado a este laboratório. Ao levar meu encaminhamento fui recebido pela secretária do laboratório Ângela e pelo estagiário Bruno Moraes, conheci também a Prof.^a Jediã Lima, a qual nos falou mais sobre o projeto, e explicou como funciona e o que ele abrange.

Agora estou à disposição do projeto e quero ajudar no que eu puder, e estou ansioso e nervoso para vivenciar uma vida de professor ano que vem, visto que esse ano não será mais possível por decisões maiores e por estar no fim do ano.

Anderson Araújo

Eu, Anderson de Araújo Condera, penso que a trajetória acadêmica de um aluno é longa, difícil e muitas vezes cansativa, mas o esforço é recompensado com as aprovações, o acolhimento da escola e as inúmeras experiências. Assim, minha história universitária que me habilitou a entrar no Lepete teve algumas dificuldades e conquistas.

Ingressei na UEA no ano de 2018, através do vestibular, fui aprovado no curso de Licenciatura em Letras, realizando um dos sonhos que tenho que é ser professor. Para mim foi uma enorme conquista, pois sou aluno de escola pública

desde a infância, e sempre quis passar no vestibular e cursar uma faculdade pública.

No primeiro período da faculdade, ouvia falar de projetos de pesquisa e bolsas de estudo, porém era complicado, pois trabalhava o dia todo e estudava no período noturno. Até que veio a pandemia e fui demitido, agora pensava em conseguir um estágio remunerado, pois assim teria mais tempo para me dedicar à faculdade.

Surgiu o processo seletivo da Secretaria Municipal de Educação (Semed -Manaus/AM), no qual fui aprovado e meses depois contratado. Ao conhecer o lugar onde iria trabalhar, tive uma surpresa, pois era ao lado da Escola Normal Superior da UEA, local onde estudo. Foi explicada para mim a parceria entre a Semed e a UEA, assim como todo o projeto do Lepete.

Após entender o funcionamento do projeto, fiquei entusiasmado por fazer parte de algo tão grande e que impacta a vida de várias pessoas. São beneficiados não só os alunos, gestores e professores das escolas municipais, mas também os professores formadores e Assistentes docentes que trabalham no Lepete.

Portanto, venho aprendendo e entendendo, através de grandes autores, que a educação tem como missão conscientizar o aluno, fazendo com que ele entenda seu papel na sociedade e atue para conquistar sua libertação. Dessa forma, meu desejo é não apenas tornar-me professor, mas transformar a vida de pessoas através da educação, ser um pesquisador e educador com a filosofia da UEA e Lepete, bem como contribuir com uma educação de qualidade, inclusiva, transformadora e transdisciplinar. "Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles, cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais" (ALVES, 2000, p. 5).

EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS VIVENCIADAS NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA EM DIÁLOGO COM OS ALUNOS E PROFESSORES

As Experiências abaixo descritas foram vivenciadas na Escola Municipal Professora Lígia Mesquita Fialho. Os Assistentes docentes que participaram foram Jayara e Bruno, enquanto os AD Anderson e Alcimário entraram posteriormente no projeto para contribuir com suas visões sobre educação e a escrita do trabalho.

As experiências foram com alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental e realizadas na mesma escola, situada na área urbana da cidade de Manaus, localizada no Bairro do Coroado, zona leste da cidade. A escola possui 2 andares, 8 salas de aula e atende alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Ressaltamos que o trabalho pedagógico realizado nessa escola nos proporcionou experiências significativas e reflexões importantes para nossa

formação docente, pois podemos ver na prática o que aprendemos na teoria, seja em sala de aula, seja no LEPETE.

Devido ao cenário epidemiológico causado pela pandemia da Covid19 que assolou o mundo, a Fundação de Vigilância e Saúde (FVS - AM) determinou que a partir do dia 31 de maio de 2021 as aulas presenciais retornariam de maneira gradual e respeitando os protocolos de saúde, a fim de evitar a proliferação do vírus. Durante esse período os alunos estavam indo à escola de maneira alternada, nos dias de segunda e quarta-feira frequentava um grupo de alunos e nos dias de terça e quinta-feira outro grupo.

No dia 3 de agosto atendemos a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, cujas idades eram de 6 anos. A Professora titular da turma se chama Sandra Freitas, e naquele momento havia 5 alunos em sala de aula. Chegamos à escola e fomos ao encontro da professora, a qual nos passou uma atividade impressa para trabalhar com os alunos, que consistia em completar as palavras usando a família silábica da letra “B”.

Conversamos com os alunos no intuito de conhecê-los, pois segundo os teóricos Vygotsky e Wallon (Proposta Pedagógica Anos iniciais/Semed/2014) conversar com as crianças ajuda no processo de socialização e expressão de suas emoções, o que contribui para o melhor desenvolvimento da aprendizagem.

Em seguida, distribuimos a atividade impressa aos alunos e pedimos que escrevessem seus nomes na atividade. Para nossa surpresa, alguns alunos não sabiam escrever seus nomes e outros carregavam consigo um papel cartão, no qual estava escrito seu nome completo, assim eles transcreviam para a atividade. Aos alunos que não estavam com o cartão, perguntamos o nome e escrevemos no papel. Perguntamos ainda se eles conheciam as famílias silábicas, os quais disseram que não sabiam e nem tinham compreendido o que eram vogais e consoantes.

Ao observarmos a situação, fizemos um desdobramento da atividade. Pegamos 5 folhas de papel ofício e pedimos para escreverem seus nomes completos, auxiliando cada um na medida de sua dificuldade. Após esse momento, escrevemos as vogais e consoantes no quadro e juntamente com eles fizemos uma leitura em voz alta, em seguida, a partir da escrita do nome, pedimos para que identificassem as vogais e consoantes presentes nos seus nomes. “O nome próprio como modelo de escrita, como a primeira forma de escrita dotada de estabilidade, como o protótipo de toda escrita posterior, em muitos casos, cumpre uma função muito especial na psicogênese (...)” (FERREIRO; TABEROSKY, 1999, p.72).

Outra realidade vivenciada na Escola Municipal Professora Lígia Mesquita Fialho, porém em turma diferente, foi com os alunos do 2º ano, a maioria com 7 anos de idade. A professora titular se chama Reyane Galvão. Os discentes eram

bastante interativos e apenas alguns apresentavam dificuldades de escrita e leitura.

A professora deixou uma atividade de leitura e interpretação de texto, em que os alunos tinham que escrever palavras comuns ou próprias tiradas do texto. Ao passar um tempo de aula, os alunos ficaram entediados com a atividade, então sugerimos o jogo "Pega Letras". Para a realização da atividade sugerida, dividimos a sala em duas equipes, as quais iam se revezando.

Através do texto que a professora havia deixado para a leitura, os alunos poderiam formar palavras de forma mais divertida. Os alunos tinham que retirar as palavras do texto e a partir disso relacionar com objetos da sala de aula, como, por exemplo: cadeiras, mesas, lousa, ou até mesmo coisas do cotidiano deles.

Nessa atividade eles falaram de objetos da casa, animais de estimação e coisas que viam do caminho da escola para casa, com isso eles conseguiram se empenhar mais e interagir de forma mais aprofundada na atividade. Por isso, é importante usar estratégias inovadoras no aprendizado dos estudantes.

Como realizar a leitura da palavra por meio da leitura do mundo? E como fazer a leitura do mundo por meio da leitura da palavra? Esse pode ser o desafio para pensar um aprendizado da alfabetização que seja significativo. Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo (CALLAI, 2005, p. 227).

VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS POR MEIO DO PROJETO ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA: OS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS VIVENCIADOS NA PRÁTICA

Ao longo do projeto AD, fomos aprendendo sobre a ciência da docência, assim passamos por oficinas e formações, atividades que desenvolveram nosso senso crítico e principalmente de humanidade. Todas as experiências foram enriquecedoras e nos ensinaram a ter um olhar mais humanizado e inovador no que se refere à educação.

Uma das coisas que aprendemos foi sobre psicomotricidade com a Professora Maria Cleide Meireles, a qual nos ensinou que podemos fazer da aula de educação física um lugar de total inclusão, com jogos e atividades físicas que abrangem todos os alunos. Já a Professora Eglê Wanzeler e seus registros etnográficos nos ensinou que para entender algo devemos nos inserir no meio de vida das pessoas e aprender sobre sua cultura. No projeto, pudemos vivenciar e compreender as novas formas de ensinar, dentre muitas outras coisas que contribuíram e vão continuar de forma incomensurável para nossa caminhada na docência.

Tivemos também oficinas sobre a musicalidade como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Anos Iniciais e oficina de desenho, ambas ministradas pela professora Carla Santos. Houve também oficina de contação de histórias, realizada pela professora Adriana Barbosa, em que ela trabalhou com seu livro “Fábulas e Apólogos da Amazônia”. Essas oficinas foram bastante trabalhadas na nossa jornada enquanto assistentes docentes na sala de aula. Nos dias de segunda-feira, os AD se reuniam no LEPETE para compartilhar suas experiências vivenciadas na semana anterior, as reflexões eram bastante produtivas e significativas para a nossa formação.

Nesse contexto, pensamos que o ato de ensinar é uma evolução constante onde não se ensina apenas, mas também se aprende com o outro e ao dividir a sala de aula com assistentes docentes de outras licenciaturas observamos que trabalhar em cooperatividade contribui para um ensino mais rico e prazeroso para os alunos. Segundo Nóvoa (2009), nos dias atuais, a complexidade do trabalho escolar necessita de um aprofundamento e de um trabalho pedagógico em equipe. A competência coletiva é muito mais produtiva do que o trabalho individual. O trabalho em equipe enriquece o trabalho pedagógico, a escola é um espaço de compartilhar e refletir as experiências ali vivenciadas, de modo a melhorar o ensino e elaborar projetos educativos nas escolas visando uma aprendizagem mais proveitosa.

Os múltiplos olhares na sala de aula nos proporcionam um maior entendimento dos diversos campos das licenciaturas, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Assim, trabalhamos juntos e trocamos saberes interdisciplinares, como: Matemática com letras, Pedagogia e Educação Física. O trabalho aqui escrito é uma das várias possibilidades criadas através da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que forma, transforma e reforma.

A Universidade nos proporciona aprofundamentos teóricos, enquanto que o Lepete nos garante formações e vivências em salas de aula, ao dar sequência ao conteúdo dos professores. Desse modo, nos questionamos sobre o que, de fato, significa ser professor no contexto atual, qual a importância do magistério e o que podemos melhorar para oferecer uma educação de qualidade. Sobre isso, Santos (apud LIMA 2012, p. 37) ressalta que

a teoria só adquire significado quando vinculada a uma problemática originada da prática e esta pode ser transformada quando compreendida nas suas múltiplas determinações nas suas raízes profundas, com o auxílio do saber sistematizado.

Com o conhecimento das teorias/práticas e, ao concluirmos a graduação, nos deparamos com o cotidiano escolar que nos foi apresentado através do Projeto OFS, e com isso estabelecemos um trabalho docente mais significativo. Dessa maneira, as experiências vivenciadas no Lepete são fundamentais para a nossa profissionalização docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os relatos descritos acima, podemos notar as experiências vividas pelos AD antes da chegada ao Lepete e durante o projeto que foi feito na Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho, além das atividades desenvolvidas no laboratório, bem como todo conhecimento adquirido.

Tivemos várias experiências nas escolas, mas escolhemos relatar apenas duas delas, pois para nós foram as mais marcantes. Poder participar da alfabetização e letramento dos alunos, ajudá-los a pensar dentro do contexto de sua realidade, são ensinamentos e aprendizados que levaremos para a prática docente.

Nossa vivência no projeto AD foi importante para nos preparar para a sala de aula, bem como as oficinas de formação no próprio laboratório trouxeram conhecimentos que dialogavam com várias disciplinas. Dessa forma, esse relato se constituiu de experiências tanto nas escolas quanto para o LEPETE. Portanto, acreditamos que nossos relatos possam contribuir significativamente com o conhecimento científico a partir do elo escola e universidade na formação docente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 5. ed. São Paulo: Editora Ars Poética, 2000.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. CEDES [online], 2005. **Educativa**, v. 25, n. 66, p. 227-247. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Daina Myriam Lichtenstein. Porto Alegre: Artes Médicas, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Coleção Formar – Brasília, 2012.
- NÓVOA, Antônio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Madrid, **Revista Educacion**, 2009.

ANEXOS

Figura 1 - Momento de Assistência à Docência na Sala de Aula da Escola Municipal Profa. Lígia Mesquita Fialho



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2 - Momento de Assistência à Docência na Sala de Aula da Escola Municipal Profª Lígia Mesquita Fialho



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.